

Vida em Burnout

RENATO NUNES BITTENCOURT^{*1}

Resumo:

O artigo aborda o processo de esgotamento profissional decorrente da consolidação de um regime laboral precário e desprovido de substantivas proteções trabalhistas mediante a hegemonia da agenda neoliberal, alinhada plenamente aos interesses empresariais e alheia aos anseios sociais.

Palavras-chave: Esgotamento profissional; Administração; Precarização; Neoliberalismo.

Life in Burnout

Abstract:

The article addresses the process of professional exhaustion resulting from the consolidation of a precarious labor regime and devoid of substantial labor protections through the hegemony of the neoliberal agenda, fully aligned with business interests and unrelated to social longings.

Key words: Professional exhaustion; Management; Precariousization; Neoliberalism.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ.

1

Muitas vezes a resistência em retirar-se deriva do medo (inconfessado) de encontrar a si mesmo, de escutar a própria intuição, ouvir a voz do silêncio (FREI BETTO, 2017, p. 32).

Introdução

A Síndrome de Burnout é a grande doença do sistema ultraliberal. O esgotamento profissional que lhe é inerente decorre da violenta participação do trabalhador em um regime laboral que paulatinamente lhe subtrai a sua vitalidade até a extenuação completa, afetando-o em todas as suas dimensões existenciais. A Síndrome de Burnout, cabe destacar, não é apenas uma moléstia ocupacional a ser tratada pelos profissionais da saúde (médicos e psicólogos, em especial). A análise filosófica é fundamental para a compreensão dos signos envolvidos no processo de esgotamento profissional, pois trata-se do resultado concreto de consolidação uma ideologia econômica, social e política que requer o adoecimento pleno do ser humano em nome da rentabilidade da plutocracia, fazendo assim triunfar o mais grotesco processo anti-humanista. Por conseguinte, a argúcia filosófica é capaz de contribuir para a dissecação desse grande mal-estar ocupacional mediante a investigação sobre os paradigmas do dispositivo gerencial. Muito mais do que investigar as circunstâncias psicossociais que promovem o florescimento da Síndrome de Burnout e os seus múltiplos sintomas na subjetividade pessoal, a tarefa do texto consiste em desnudar a ideologia gerencial que sustenta o grande adoecimento existencial do homem enredado no ideário neoliberal e seus efeitos insalubres em todas as esferas vitais.

Pandemia e esgotamento profissional

De imediato, não podemos deixar de lembrar que a pandemia da COVID-19 amplificou ainda mais a manifestação do

esgotamento profissional nos indivíduos. Obviamente que tais transtornos já ocorriam com frequência tempos antes em setores profissionais de alta performance e de extenuantes exigências laborais, mas a devastação humanitária produzida pela COVID-19 indubitavelmente desajustou as condições existenciais de um grande contingente populacional. A dita “vida normal” de outrora (ela mesma prenhe de neurastenia, estresse contínuo, insegurança social, precariedade profissional e outros males de nossa civilização colapsada), não obstante suas inúmeras falhas estruturais, ao menos se sustentava em uma rotina normalizada que tornava “aceitável” toda sorte de misérias materiais. A partir do agravamento da pandemia da COVID-19, a indistinção violenta entre a dimensão privada e a dimensão pública, as exigências extenuantes do home office, a sensação neurótica de mobilização laboral permanente, a compressão da temporalidade, a falsa comunicabilidade exercida pelos aplicativos eletrônicos e, obviamente, o angustiante isolamento social contínuo são circunstâncias que atentaram contra a sanidade psicofísica de pessoas dos mais diversos segmentos organizacionais. Tal situação se difunde em sociedades desprovidas de senso coletivo de convivência e de engajamento republicano, em especial quando governanças disruptivas e autoritárias gerenciam de maneira errática o enfrentamento aos males pandêmicos, como forma de ampliar ainda mais o caos social e justificar assim a instauração de um regime de exceção, tão ao gosto dos seus arroubos antidemocráticos. Um governante niilista e negacionista prospera com o mal-estar social e faz dessa tragédia civilizatória um poderoso

capital político para a consolidação do seu projeto necrófilo de poder, exaurindo continuamente a parca sanidade psíquica de uma sociedade já extremamente devastada com toda uma série de intempéries. E assim a população é imersa em um turbilhão de sofrimento psíquico em todas as dimensões da existência. Não há segurança moral para ninguém.

Neoliberalismo e degradação existencial

As relações humanas sob a égide da doutrina neoliberal se convertem em toscas relações utilitárias, em que o valor da pessoa é mensurado por sua disponibilidade constante em servir aos apelos de outrem, mesmo em condições completamente impróprias e inadequadas. Os liberalóides, com efeito, são incapazes de qualquer capacidade de compreensão da alteridade, eles apenas expressam em seus anseios, palavras e decisões o ímpeto de satisfação imediata das suas inclinações, sem quaisquer consideração moral pelo bem-estar de outrem. Os liberalóides não respeitam a privacidade e o sagrado direito de não ser incomodado daqueles que julgam como os seus servidores especiais. Por conseguinte, ocorre a instrumentalização do ser humano, no qual este se encontra na obrigação de estar sempre disponível para atender os chamados dos seus interlocutores oportunistas que apenas apregoam os seus pretensos direitos, jamais os seus deveres sociais. Afinal, os liberalóides não acreditam na existência efetiva da sociedade, fato este que talvez revele uma grave patologia travestida pelo palavreado ideológico que é inerente ao espírito neoliberal. Todas as estruturas organizacionais do sistema capitalista nessa configuração reducionista estão contaminadas por essa disposição extremamente autoritária. Com efeito, não obstante muitas vezes apresentarem faces sorridentes, os liberalóides não aceitam

que seus desejos não sejam imediatamente satisfeitos na sua doentia sociedade de serviços customizados. Por esse motivo os liberalóides são adversários dos genuínos fundamentos burocráticos, pautados pela impessoalidade e pela isonomia no trato aos indivíduos. Ora, os liberalóides, axiologicamente reacionários (não obstante se autoproclamarem os gênios da inovação e do empreendedorismo), se consideram mais importantes do que o restante de uma comunidade de membros e assim acreditam que são detentores de distintas prerrogativas especiais. Não é de surpreender que os liberalóides naturalizem os atos de propina para que possam ser mais agilmente atendidos pelos servidores do que os demais cidadãos enquadrados nas regras estabelecidas. Para a escumalha neoliberal, as pessoas não são iguais nem mesmo perante a lei, mas quem paga mais é certamente mais igual do que os outros.

O discurso neoliberal considera que o serviço público é intrinsecamente engessado, desmotivador, desprovido de iniciativa e de criatividade. Trata-se de um preconceito espúrio que nivela toda a atuação profissional das pessoas envolvidas nessa dimensão em um caráter estritamente negativo. Obviamente encontraremos membros ativos do serviço público que não realizam com afinco as suas funções, mas não é a estrutura do cargo que gera tal situação, tal como a imagem deletéria que os liberalóides pretendem apresentar para a opinião pública. As responsabilidades profissionais do serviço público são tão intensas como as que concernem ao mundo das organizações privadas submetidas ao espírito mercadológico, e a consolidação de uma agenda política reacionária e autoritária, inimiga dos trabalhadores e favorável ao processo de precariedade e de flexibilidade nas relações laborais desvaloriza ainda mais a dignidade do serviço público.

Os liberalóides, cretinos contumazes, em nome de uma rentabilidade financeira incondicional para a plutocracia, não hesitam em defender as mais deletérias pautas necrófilas acerca das condições laborais para os trabalhadores em nome da falaciosa “modernização” dos direitos trabalhistas, situação que somente beneficia os interesses do patronato. Reformas trabalhistas que são verdadeiras deformações institucionais apregoam que com as mudanças legais os trabalhadores poderão negociar diretamente com os seus empregadores, sem as mediações sindicais fundamentais. E assim os trabalhadores são mais facilmente oprimidos pela sanha plutocrática alheia ao bem-estar social, inclusive das formas mais violentas, gerando-se assim miséria, adoecimento e degradação dos laços comunitários fundamentais para a sociabilidade democrática. Franco Berardi argumenta que,

O discurso neoliberal é carregado de uma retórica do indivíduo, mas a prática do neoliberalismo acaba por destruir a liberdade individual. A competição e o conformismo são duas faces de uma mesma moeda na esfera do mercado. Os indivíduos de hoje já não perseguem projetos de vida autônomos. Em vez disso, eles são fragmentos de tempo precarizado, fractais em recombinação incessante, unidades conectivas que devem interagir com perfeição, se quiserem ser eficientes sob o domínio da rentabilidade econômica (BERARDI, 2020, p. 193).

Para o projeto neoliberal, liberdade é liberdade de trabalhar pelo sucesso da empresa sem que haja a devida compensação monetária por esse esforço exercido, e o palavreado falseador da práxis organizacional traveste essa subjugação sob o nome de comprometimento profissional, pois a corporação é tudo, o indivíduo é nada. O trabalhador doa sua vida pela empresa,

mas quando esta apresenta o menor sinal de perda de receita uma legião de pessoas é inserida na lista de demissões sem maiores problematizações. Ricardo Antunes salienta que

Em pleno mito neoliberal do individualismo exacerbado, tal como a ideologia do “empreendedorismo”, presenciamos de fato um individualismo possessivo cada vez mais desprovido de posse, onde cada vez mais amplas parcelas de trabalhadores e trabalhadoras perdem até mesmo a possibilidade de viver da venda de sua única propriedade, a sua força de trabalho (ANTUNES, 2005, p. 17).

Percebemos aqui a sórdida característica do fascismo de mercado, caracterizado pela imposição de uma série de medidas (concretas e veladas) para submeter a vida do trabalhador ao regime da extenuação contínua, pois não haveria alternativas nessa dinâmica. Trabalha-se além do organicamente possível em nome da manutenção profissional até segunda ordem, quando uma nova lista de demissões é forjada e quem sabe o trabalhador que outrora era viável para os olhos dos seus gestores agora já não é mais. Uma luta por sobrevivência onde ninguém pode confiar em ninguém. Conforme apontam Pierre Dardot e Christian Laval,

A desconfiança como princípio e a vigilância avaliativa como método são os traços mais característicos da nova arte de governar os homens [...]. A reestruturação neoliberal transforma os cidadãos em consumidores de serviços que nunca têm em vista nada além de sua satisfação egoísta, o que faz que sejam tratados como tais por procedimentos de vigilância, restrição, punição e “responsabilização” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 319; p.320).

A Administração, enquanto curso universitário e enquanto prática profissional, é o celeiro por excelência para a proliferação de sectários do dispositivo gerencial, seja entre professores, seja entre o alunado e, obviamente, entre os membros da seara corporativa-organizacional. Muitos daqueles que aspiram se contrapor ao sistema hegemônico do gerencialismo acabam por sucumbir aos seus ditames quando menos esperam. Leões acadêmicos se tornam cordeirinhos dóceis quando labutam em gabinetes assépticos de portentosas empresas. Transferem sua sanha odiosa e ressentida contra pessoas que consideram dignas de desagravo (“cancelamento”), mas são pias para com empresas que cometem os mais horrendos crimes contra a saúde da biosfera. Devaneios revolucionários ou mesmo reformistas em relação ao poder do capitalismo neoliberal são usualmente suplantados pelo pragmatismo da grande jaula de ferro do dispositivo gerencial que se incrusta nas consciências de cada um dos atores envolvidos em algumas das estruturas forjadoras desse grande processo Moloch. Por muitas gerações os currículos dos cursos universitários de Administração enfatizaram os aspectos mercadológicos para a formação profissional, escamoteando outros aspectos fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica do futuro graduado. Os saberes humanísticos e qualitativos foram usualmente desprezados por todas as dimensões da seara organizacional. Todavia, cabe ressaltar que a cada vez mais ampla valorização dos debates sobre sustentabilidade, diversidade e responsabilidade social-empresarial não pode servir de elemento maquiador para as próprias forças capitalistas, que não hesitam em se apropriar parcialmente de pautas progressistas-democráticas para que conquistem a aderência de setores

sociais comprometidos com esses discursos e assim promovem a despolitização de tais temas. O regime capitalista somente adere aos paradigmas democráticos quando lhe convém economicamente.

Nesse ponto de nossa argumentação cabe também analisarmos um dos dejetos mais celebrados da sociedade gerencialista: o Coach. Refugio charlatanesco que se apropria de saberes psicológicos e filosóficos e desvitaliza os seus conceitos, esse profissional requintado transmite ao público consumidor um palavreado motivacional que chancela o mais torpe individualismo neoliberal através da defesa do empreendedor de si, da resiliência e da inovação, categorias, no entanto, dissociadas das contradições históricas que impedem qualquer universalização substantiva. As práticas terapêuticas consolidadas são extensivas e desconstroem a subjetividade individual, revelando facetas pessoais que estavam recônditas por diversas camadas inconscientes. A técnica coaching, por sua vez, promete soluções rápidas para quem não pode “perder tempo”, imediatismo muito conveniente para a superficialidade espetaculosa de uma estrutura social que não aceita mudanças radicais de seu sistema produtivo: apenas o sujeito deve modificar sua forma de pensar e de agir para se tornar um líder eficiente. Todo sofrimento é responsabilidade e opção do sujeito. Não há direito pleno ao luto e ao imobilismo. Depressão é fraqueza. A partir de uma série de bordões espúrios, o discurso gerencial que é plenamente absorvido pelo sistema de coaching visa promover a pura positividade do sujeito de desempenho, positividade que é caracterizada como disposição contínua para a ação, proatividade profissional, ocultamento da dor, pois somente assim o sucesso profissional-existencial pode ser obtido. Conforme salienta Byung-Chul Han,

A coação do desempenho é destrutiva, fazendo com que autoafirmação e autodestruição sejam uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Autoesgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. A luta brutal de concorrência atua de modo destrutivo. Ela produz uma frieza de sentimentos e uma indiferença diante dos outros que traz consigo uma frieza e indiferença perante si próprio (HAN, 2021, p. 19-20).

O Coach exige a coragem absoluta e a superação dos limites pessoais dos seus seguidores, mas não hesita em solicitar ajuda competente quando suas aventuras rocambolescas descambam para uma tragédia real. A discursividade do Coach é plenamente aderente ao fascismo, pois as imagens e conceitos transmitidas pelo “facilitador” são sumariamente simplificadas para que os seus adeptos espoliados absorvam a mensagem do mestre e apliquem-na em suas vidas desorientadas. Despojado da voz sacrossanta do Coach, o indivíduo que compra suas diretrizes existenciais corre o risco de soçobrar. A prática do coaching visa não apenas adequar o indivíduo ao sistema capitalista para forjar um profissional produtivo e eficiente, como também naturalizar toda forma de esgotamento existencial decorrente do modo de ser neoliberal. O coaching nada mais é do que um moralismo gerencial, pois se pauta pela responsabilização do cliente que deve sempre estar apto a se adequar aos novos rumos do mercado flexível, precário, insalubre, em nome de sua rentabilidade pessoal até segunda ordem. Em caso de fracasso profissional, a culpa sempre é do indivíduo, jamais do modus operandi econômico excludente, insalubre, anti-humanista e necrófilo. O Coach conduz suas ovelhas para o precipício e lá as abandona, não sem antes receber polpudas quantias desses seguidores fiéis.

Comprometimento profissional rumo ao esgotamento vital

Linhas atrás citamos o exemplo da Administração como um dos paradigmas da ideologia gerencial. Cabe também ressaltar que o mundo organizacional-empresarial é um dos maiores celeiros do esgotamento profissional. Outras segmentos laborais, como a docência ou a área da saúde são também bastante propícias para o florescimento da Síndrome de Burnout entre seus membros, geralmente em decorrência das condições insalubres de trabalho e pela sobrecarga funcional cotidiana, além da desvalorização social dessas atividades em uma dinâmica econômica e ideológica autoritária e privatista (ressalto que, na presente argumentação, não inserimos funções essenciais para o bom florescimento do tecido social, tais como o árduo trabalho dos operários de fábricas, dos condutores de transportes públicos, dos profissionais de limpeza pública ou comerciários, todos eles também sob constante ameaça de esgotamento metabólico). O que cabe destacar é o fato de que um professor ou um profissional da saúde sofre da Síndrome de Burnout por variáveis distintas das vivenciadas por um indivíduo do mundo corporativo: apesar de se enaltecer de maneira abstrata e formal a abnegação de professores e de profissionais da saúde que laboram em condições muitas vezes adversas, os esforços realizados por essas pessoas não são plenamente recompensados socialmente e tais sobrecargas prejudicam a própria qualidade do trabalho realizado. Já na seara organizacional, pressupõe-se justamente o excesso de demandas como um fator distintivo para o profissional, sempre mobilizado pela causa da empresa e sua rentabilidade (não podemos ainda esquecer que a estrutura física de uma empresa é muito mais razoável do que o ambiente educacional ou espaço hospitalar). Por outras palavras, o

professor ou o profissional de saúde estão sob constante ameaça de esgotamento psicofísico em decorrência da própria natureza do trabalho exercido, enquanto a vida do executivo é usualmente marcada pela positividade e todo excesso realizado, além de extremamente viável para a lucratividade da empresa, se configura como um procedimento padrão que subjaz na própria lógica do dispositivo gerencial. Todavia, as consequências práticas desse mergulho insano na laboriosidade empresarial são também bastante impactantes na vida desse profissional do mundo corporativo: ansiedade crônica, hipertensão, ocorrência de doenças cardiovasculares, propensão ao câncer (moléstias que obviamente também afetam professores e profissionais de saúde e todas os muitos outros segmentos laborais). Eis o preço que se paga por tal submissão ao rito organizacional. A vida empresarial pressupõe o consumo absoluto da vitalidade do seu profissional pois somente desse modo a corporação prospera perante os demais concorrentes. Tanto pior, essa práxis é naturalizada desde os primeiros passos dados pelo funcionário de uma empresa.

Qualquer profissional comprometido com a probidade laboral e com o exercício esmerado das suas atividades certamente se engaja muito mais no ofício do que os seus colegas indolentes e descompromissados, usualmente trabalhando muito mais do que lhe é exigido oficialmente para que assim preencha as lacunas deixadas por tais pessoas acanalhadas. Contudo, não raro essa proatividade passa despercebida pela visão comum, e a sobrecarga de trabalho que esse profissional abnegado se autoimpõe quase nunca é recompensada institucionalmente. Em geral, poucos fazem muito e muitos fazem pouco, e essa fórmula se aplica seja nas organizações, seja nas instituições de ensino ou em

quaisquer outras estruturas laborais. Temos assim um dos fatores que motivam o esgotamento profissional do indivíduo que doa a sua vitalidade para a sua amada organização sem que os seus colegas oportunistas apresentem compromisso laboral adequado. O profissional que se caracteriza pelo zelo abnegado no exercício das suas funções usualmente perde o controle sobre os limites naturais acerca do que deve ser feito, impondo-se a contínua superação das suas próprias capacidades operacionais mesmo que em seguida chafurde no cansaço que jamais é suprimido ou compensado energeticamente. Esse profissional não reconhece que sua dedicação excessiva ao trabalho também é uma forma de exploração muito bem conduzida pelo sistema normativo do qual ele faz parte, e somente quando seu organismo colapsa ele consegue perceber o quão seu comprometimento laboral ocasionou o seu declínio psicofísico. Eis assim uma nova forma de alienação profissional. Segundo Byung-Chul Han,

A autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração do outro, pois é acompanhada por um sentimento de liberdade; o sujeito do desempenho submete-se a uma coação livre, autogerada (HAN, 2017a, p. 112).

Em nome da realização perfeccionista do ofício que tanto celebra, o profissional que trilha o paulatino caminho da extenuação psicofísica usualmente escamoteia suas próprias adversidades pessoais, suas dores, seus anseios, assim como suas necessidades vitais. Aniquila-se a individualidade em favor do sucesso organizacional. Novamente de acordo com Byung-Chul Han,

O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo [...]. A

O colapso vital do trabalhador é a consequência inevitável da sua adesão incondicional ao labor total. Uma guerra civil em nome do empreendedorismo capitalista. A drogadição é a expressão da ambivalência do regime gerencial, pois o profissional se dopa para render mais em seu serviço, sofre as consequências orgânicas desses excessos químicos e mergulha no processo de degradação psicofísica até sua overdose: “A sociedade de desempenho se desenvolve, a partir de sua lógica interna, na sociedade do dopping. A vida reduzida à função vital desnuda é uma vida que deve ser mantida sadia a todo custo” (HAN, 2017b, p. 268). O regime neoliberal, defensor da supressão dos mais básicos direitos trabalhistas e do papel providencial do Estado de Bem-Estar Social para que assim consiga dominar melhor a individualidade do trabalhador, lucra tanto com a sua vida (enquanto força produtiva e aptidão para o consumo de bens e de serviços) quanto com a sua morte. Quanto maior é o grau de adoecimento do trabalhador mais poderosa é a empresa na qual o indivíduo deposita a cada dia parcelas de sua vitalidade instrumentalizada.

A velocidade incondicional se torna o parâmetro da boa atuação do sujeito de desempenho imerso no ritmo de esgotamento pessoal, pois o sistema gerencial não permite qual quer contingência que prejudique o bom andamento da lógica rentável que tanto agrada executivos e acionistas. Respostas rápidas e gestos acelerados que sinalizam a interiorização do controle moral do trabalho que subtrai a vitalidade subjetiva daquele que está enredado no capitalismo tecnocrático: “A sociedade do desempenho atual torna o próprio tempo como refém. Ela o amarra ao trabalho. A pressão por desempenho cria então uma pressão por aceleração” (HAN, 2021, p. 132).

Tudo é regido pela urgência, palavra que ao ser ouvida ou lida produz agitação no receptor. Chega-se ao cúmulo de se consumir alimentos de maneira extremamente veloz para que não se perca tempo produtivo, para maior desgaste orgânico do trabalhador. Toda reflexão, todo exercício contemplativo, todo processo deliberativo, ações que demandam uma experimentação singularizada da temporalidade, são vilipendiadas pelo dispositivo gerencial. A ação produtiva deve ser o mais automatizada possível para que se retire a periculosidade do pensamento crítico que aborda e analisa todos os fatos. Por isso o espírito capitalista adere de modo tão favorável ao regime fascista, ele mesmo adepto da mobilização militarizada permanente, da irreflexão e da ação direta. Velocidade desprovida de reflexividade é um trampolim para a ação impulsiva tão aprazível para o autoritarismo fascistoide. A grande urgência reside na busca por efetiva qualidade de vida para além do produtivismo, todas as outras pressões normativas são secundárias, essa deveria ser a palavra de ordem do sujeito emancipado da doença profissional.

Toda lentidão é condenada, lentidão, que aliás, é um artifício contra o sufocamento existencial produzido pelo poder gerencial. A lentidão, tão vituperada em nossa ideologia da aceleração incondicional da produtividade e do modo de vida, permite uma reapropriação da existência e o desenvolvimento da paciência conceitual. Trata-se de uma reviravolta civilizacional, isto é, andar devagar, pensar devagar, produzir devagar. A aplicação da metodologia da lentidão não dissolve o modo de produção capitalista em suas interfaces neoliberais, mas ao menos favorece uma mudança de consciência acerca do modo de vida despersonalizado que erigimos como critério civilizatório de sucesso material. Uma alternativa radical para o problema

consistiria na superação violenta do sistema capitalista através da práxis comunista com a inerente dissolução da propriedade privada dos meios de produção e sua inerente exploração do homem pelo homem. Contudo, se não conseguirmos realizar o projeto revolucionário em sua pureza incondicional, táticas pontuais ao menos garantem a subsistência pessoal em um momento histórico de colapso civilizacional. Com efeito, o mundo do trabalho e das organizações chafurda na doença, e mesmo salários razoáveis (quando existem) não são substitutivos para a supressão da vitalidade dos indivíduos imersos na rotina angustiante do trabalho precário.

O cúmulo do engajamento hiperbólico ao trabalho consiste em sonhar, nas poucas horas de sono, com a reprodução das funções laborais ordinárias, tal como se houvesse uma linha contínua entre a vigília e o repouso que jamais é vivenciado em sua plenitude, pois a consciência operacional continua assolada pelas demandas profissionais. No regime de esgotamento profissional o tempo de lazer é suprimido, o salutar convívio familiar é fragmentado. O sujeito de desempenho vive apenas para realizar as demandas profissionais e satisfazer os seus interlocutores. Caso venha a falecer quando muito sua memória é celebrada em uma nota de pesar, e em seguida o ritmo da vida volta ao normal.

Considerações finais

Analisar o esgotamento profissional é um tema doloroso, pois para desenvolvermos o argumento necessitamos externalizar algumas impressões desagradáveis vivenciadas por nós mesmos em nossas próprias trajetórias profissionais. Um dos pontos mais importantes a se destacar

consiste na tese de que não podemos dissociar a expansão do esgotamento profissional em nossa era da precarização existencial das circunstâncias políticas e econômicas que nos envolvem. Uma governança que se compromete diretamente com o desmantelamento dos direitos trabalhistas e que se associa promiscuamente com as castas plutocráticas certamente é um poderoso agente atuante para a degradação contínua dos trabalhadores cada vez mais desprotegidos legalmente. Tudo em nome da exaltação das forças do mercado para maior prejuízo da sociedade.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Trad. de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FREI BETTO. **Ofício de Escrever**. Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Trad. de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.
- _____. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Trad. de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Áyiné, 2018.
- _____. **Sociedade do Cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. **Sociedade da Transparência**. Trad. de Enio Paulo Giachini, Petrópolis: Vozes, 2017a.
- _____. **Topologia da Violência**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.

Recebido em 2022-02-19
Publicado em 2022-03-01